

Leitura é para sempre

Presidente da Biblioteca Nacional, pesquisador Muniz Sodré defende urgente incentivo ao hábito de ler no País

Mozahir Salomão

Com mais de 30 livros publicados, tratando, principalmente, de comunicação e cultura, o professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e pesquisador Muniz Sodré de Araújo Cabral assumiu, há cinco anos, a presidência da Fundação Biblioteca Nacional (BN), sediada no Rio de Janeiro. O balanço que o estudioso faz desse período é muito positivo, mas reconhece que ainda há muito a ser feito, especialmente em um país que tomou, segundo ele, o atalho da oralidade. Nesta entrevista à **Revista PUC Minas**, Muniz aborda temas como a prática da leitura hoje no Brasil, as perspectivas para o professor-pesquisador brasileiro e o atual momento da Biblioteca Nacional. Para Muniz Sodré, é urgente discutir muitos temas em relação à leitura no mundo hoje. Mas, com certeza, o futuro do livro impresso não é a questão principal. Segundo o pesquisador, temos que discutir rapidamente alternativas para se combater o déficit de leitura entre os brasileiros, já que o Brasil detém um dos piores índices mundiais em se tratando do hábito de ler.

Começamos falando sobre livros – pensando no suporte. É curioso como se discutiu e se discute, nos últimos 20

anos, especialmente, o fim do jornal de papel. Mas nem agora, com as primeiras plataformas digitais de leitura de romances (o Kindle, por exemplo), se discute o fim do livro. Qual a razão disso e como você vê essa relação entre leitor e livros?

Sodré: Não creio que exista oposição entre as novas tecnologias digitais e a internet e o livro. A oposição que pode haver é entre a internet e a livraria, mas não em relação a livros. Um especialista francês, chamado Melot (*Michel Melot*), diz o seguinte: “Livro é aquilo que vive entre duas capas”. Bem, essas capas não têm que ser, necessariamente, de materiais ligados ao papel ou instrumentos duros. A capa pode ser virtual. Por que a importância dessas duas capas? Porque implica princípio, meio e fim, ou seja, implica em organização do sentido. É um outro

“Vamos saindo da cultura oral e letrada para a cultura eletrônica e midiática sem atravessar integralmente a escrita”

suporte para o que o livro diz, para o que o livro contém, mas isso não mata o livro. Enfim, com a internet e com todas essas tecnologias, não se discute o fim do livro, porque não há nada que substitua com garantia a durabilidade do livro. Nós não sabemos, por exemplo, quanto tempo dura esse suporte digital - pode durar um milhão de anos ou poucos anos. O microfilme é muito mais duradouro do que o que nós conhecemos até agora sobre o digital, porque o microfilme pode durar até 500 anos. Em relação ao digital, nós não temos certeza de muita coisa ainda. O livro dura muito. Então o livro é um excelente suporte de memória. O que está ocorrendo é que o livro perdeu a sua centralidade simbólica. Com essas tecnologias da informação e da comunicação, o significado, as informações estão encontrando velozmente outros suportes e as formas de ler mudaram. A leitura já não está mais, digamos, tão comandada pelo livro; ou seja, a leitura se tornou cada vez mais plural, heterogênea. A leitura se pluralizou e esse é o principal e maior efeito das tecnologias sobre o conteúdo do livro: a transformação gradual da leitura.

Hoje, a maioria dos escritores – inclusive os pesquisadores – acaba tendo que pagar do próprio bolso para

publicar seus livros. E, muitas vezes, obras de efetivo interesse da sociedade. É possível se pensar na mudança dessa situação? Aliás, existe alguma saída?

Sodré: O livro é um produto caro e de retorno comercial lento. Como as tiragens no Brasil são baixas, o preço do livro costuma subir muito e o retorno para o editor é pequeno. Os editores que ganham muito são os que têm escala de produção. Eles deveriam, aliás, a partir daí, baratear o preço do livro porque existe escala de produção, mas o livro continua caro. Então, para as editoras pequenas é muito difícil investir nesse produto. Por trás desse investimento, tem pagamento de empregados, contribuição, impostos etc. O governo atual diminuiu o imposto sobre o livro e isso beneficiou a cadeia de produção, mas o livro ainda é caro. Então, as editoras preferem, naturalmente, os livros que darão grande retorno. Isso leva, então, a uma enxurrada de *best-sellers*, a uma enxurrada de livros de autoajuda... Já os livros acadêmicos, que não têm ▶



grande público, ficam bloqueados. Os autores que conseguem mais publicar e mais vender livros acadêmicos são aqueles mais conhecidos. É, assim, cada vez mais difícil publicar um livro numa pequena editora, a não ser que você pague. É essa a questão. Agora, que alternativas há? Eu diria que o Estado deve investir como parceiro, como coeditor nos livros da área acadêmica. A exemplo do que já faz a Biblioteca Nacional, mas ainda de modo muito tímido. A Biblioteca coedita livros que você sabe que não vão ter custo comercial. A Biblioteca é parceira da editora e, digamos, de dois mil livros, setecentos e - isso paga a edição. É preciso multiplicar, com a participação do Estado – seja o governo federal, estadual ou municipal –, o financiamento da produção acadêmica por meio de coedições com as universidades.

A Fundação Biblioteca Nacional tem um acervo importantíssimo para a compreensão de nossa história e alimentador de nossa cultura. Na opinião do senhor, os estudantes em geral, mas especialmente os pesquisadores de todo o País, têm se valido bem dessas possibilidades e recursos da BN?

Sodré: A Biblioteca Nacional é nacional, mas é situada no Rio de Janeiro. Temos um acesso presencial enorme, mas principalmente para o estudante de curso superior e pesquisadores. Os estudantes de curso médio, em geral, são enviados - quando procuram a Biblioteca Nacional - para a Biblioteca Euclides da Cunha, ligada diretamente a nós e que fica no Palácio Capanema, perto da BN. Mas a grande parte dos intelectuais que, em determinados momentos e situações em que a aquisição de livros é difícil, se vale do nosso acervo, é aqui do próprio Rio de Janeiro. Para democratizar esse acesso para o resto do Brasil, ampliar o acesso à internet é

vital. Então, qual o papel que a Biblioteca tem tido na democratização desse acesso? Em primeiro lugar, a Biblioteca tem implantado bibliotecas em municípios que até então não tinham biblioteca. Quando nós assumimos a direção da BN, em 2005, havia um déficit de cerca de 1.200 municípios no País sem biblioteca. Essa conta aumenta ou diminui, pois depende se o prefeito fecha a biblioteca ou não. Até no final deste ano, a Fundação Biblioteca Nacional terá implantado no Brasil inteiro 1.074 bibliotecas. O que isso significa? Para nós, a ideia é de se criar uma ecologia cognitiva. Você sabe que o livro, mesmo quando ele não é lido integralmente, cria um ambiente de conhecimento... Em segundo lugar, nós complementamos essa implementação de bibliotecas com um programa de incentivo à leitura, o Proler, que tem 78 comitês nos Estados e estamos implementando a formação de mediadores de leitura. Porque está em andamento no Ministério da Cultura, junto com o Ministério da Educação, o Plano Nacional do Livro da Leitura, que é um plano de incentivo à cultura, que luta pela leitura no País. Portanto, o que a Biblioteca pode fazer, além dessa criação

“Pode-se dizer que não há na América Latina inteira um órgão igual ao CNPq. Você também não tem órgãos similares à Capes. Eles podem não funcionar, digamos, de modo ótimo, mas você não encontra na América Latina um igual”

de bibliotecas, é incrementar o acesso por internet. Em relação à leitura, é preciso cultivar esse hábito entre crianças, jovens e, mesmo que tardiamente, entre adultos.

Pode-se dizer que a falta de uma cultura nacional do hábito de ler agravou no Brasil um presumido déficit cultural?

Sodré: Diria que é um déficit de leitura, ou seja, a média de leitura no País é muito baixa, é 1,8 por habitante. É inferior à da Colômbia, que é um país que tem um programa de bibliotecas e leituras avançado. No Brasil, há um déficit e não é pequeno. Mas há que se considerar que a história deste País, de dimensões continentais, é uma história de cultura oral. Então, vamos saindo da cultura oral e letrada para a cultura eletrônica e midiática sem atravessar integralmente a escrita. Então esse desvio que nós pegamos mostrou-se um salto - passamos por cima da escrita para chegar à eletrônica, deixando de percorrer um caminho de maturação que outros países tiveram. Por outro lado, você não pode associar a questão da leitura exclusivamente à da escolarização, pois aí teríamos que falar sobre a crise da escolarização no Brasil.

E o quanto pode o professor como estimulador nesse processo?

Sodré: O professor é um grande estimulador, tanto que nesse curso de mediador de leitura que o Ministério da Cultura está promovendo, e que a Biblioteca Nacional, através do Proler, está fazendo e implementando, o professor é a figura central, porque a única tarefa do professor, hoje, mais do que transmitir conhecimento, é ser um iniciador dos alunos às linguagens múltiplas que existem. Desde a linguagem digital à linguagem do livro, mas também às linguagens orais. Porque a oralidade atravessa, hoje, a formação de um jovem,

de uma criança, de muitos modos. A oralidade do rádio, a oralidade da música, mas também a oralidade daquelas culturas ditas ágrafas, quer dizer, aquelas que não colocam a escrita em seu centro e que fazem parte dessa pluralidade, dessa heterogeneidade cultural que compõe o Brasil ou a América Latina. Toda essa mutação cultural nos leva a ver que nós temos muito a aprender com as culturas orais.

O senhor é professor da UFRJ. Como milhares de colegas seus pelo País, dedicou a vida ao estudo, à pesquisa e ao magistério. Num cenário, eu diria, quase paradoxal, de explosão de ofertas de cursos, de comercialização do ensino, de banalização, enfim, da educação, mas também de crescimento das alternativas de pesquisa e qualificação na pós-graduação, qual o horizonte profissional para o professor-pesquisador?

Sodré: Temos que ver essa questão com cuidado. Há um momento na história do Egito, por exemplo - eu não sei qual é a situação atual - mas no Egito nasserista (*referência ao governo do presidente Gamal Abdel Nasser*) houve um momento de grande qualificação de doutores, de incentivo à pesquisa e esses doutores acabaram, depois, indo dirigir táxis nas ruas ou tentando imigrar. No caso do Brasil, o atual momento de incentivo à pesquisa e aos pesquisadores tem sido bastante razoável. As bolsas são pequenas, são disputadas, mas elas existem. Agora, qual é o futuro disso? Qual é a escala de progressão? Eu não creio também que isso vai gerar, no caso brasileiro, empregos fora da condição de professor de universidades. Mas pode-se dizer que não há na América Latina inteira um órgão igual ao CNPq brasileiro. Você também não tem órgãos similares à Capes. Eles podem não funcionar, digamos, de modo ótimo, mas você não encontra na América Latina entidades iguais. Nós sabe-

mos também que o mercado é limitado. Os concursos quando vêm não são com muitas vagas. O sujeito não pode viver o tempo inteiro de bolsas do CNPq, porque são restritas. Então, depende do crescimento do País, depende do desenvolvimento econômico e social essa carreira de pesquisador que você está citando.

Os seus estudos prioritários têm sido sobre comunicação e mais recentemente sobre a produção e apreensão do conhecimento. No ano passado, o senhor lançou o livro As estratégias sensíveis - que trata da perda da influência da razão instrumental sobre o sensorialismo no modo de operação das mídias. Para onde caminha o que você aponta como a importância crescente do afeto na cultura contemporânea?

Sodré: Todas essas questões da tecnologia da informação e da comunicação, portanto, a comunicação entre tecnologias eletrônicas, põem em crise a letra, a linearidade da letra, e convocam, ensinam uma simultaneidade dos significados. E isso não pode ser tratado, não pode ser entendido apenas pela decodificação *stricto sensu*, pelo significado, porque toda essa nova ordem cria uma outra ambiência. Eu chamei

“O tempo inteiro jovens vão lidar com o comando, com os signos, são índices. Você aperta a tecla tal que alguma coisa vai acontecer. É um outro ritmo, uma cultura mais gestual, que está ligada mais ao ritmo do corpo do que cerebral”

isso, no meu livro *Antropológicas de Espelho, de bios, um bios virtual ou midiático*. Não se pode entender a mídia apenas como suporte. A mídia é uma nova ambiência, é um novo mundo, um novo território, um novo solo com informação. Ora, essa nova urbe virtual, essa nova cidade, esse novo mundo nos envolvem com a simultaneidade e foi isso que o Derrick de Kerkow tentou nos mostrar. No caso do livro, nós temos a perspectiva, nós temos um ponto de vista. Já nas novas mídias, temos um ponto espacial. Quer dizer, nós temos um ponto com a visão total sobre tudo. Então, essa visão total é mais afetual do que argumentativa. O argumento continua a existir, ele é importante. A lógica continua a existir, ela sustenta procedimentos científicos, mas o discurso público, a comunicação pública, a cultura pública, ela depende e está cada vez mais ligada ao sensível. Na televisão, por exemplo, o que funciona é o sensível. São as emoções, o afeto que ela provoca, daí os enganos da crítica culturalista, baseados no argumento em cima da televisão. Esperando que a televisão edueque, que a televisão forme, ela pode até formar, mas não da maneira que a educação clássica faz, não é pelo argumento, nem pela letra, ela pode educar pela ambiência, pelas emoções, pelo sentimento, é uma outra jogada, um outro modo de você se colocar no mundo. E a internet faz parte de um paradigma que eu diria inicial, que atinge também o outro, a televisão. Então, o tempo inteiro jovens vão lidar com o comando, com os signos, são índices, você aperta a tecla tal que alguma coisa vai acontecer, é um outro ritmo, uma cultura mais gestual, que está ligada mais ao ritmo do corpo, do que cerebral. Portanto, no que toca à eletrônica, à cultura pública eletrônica, é preciso entender a lógica dos acessos para melhor entender o que está se passando. ■